

# O DESENHO COMO TESTEMUNHO E MEMÓRIA DA ARQUITETURA

*EL DIBUJO COMO TESTIMONIO Y MEMORIA DE LA ARQUITECTURA*

*DRAWING AS TESTIMONY AND MEMORY OF ARCHITECTURE*

## LOBATO DE FARIA, EDUARDA

Arquiteta, Doutorada, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, E-mail: [eduardalobatotofaria@gmail.com](mailto:eduardalobatotofaria@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo aborda a relação intrínseca e perene entre Desenho e Arquitetura, e as múltiplas formas desta se expressar ao longo do tempo. O ensaio tem como objetivo reafirmar o desenho como uma forma de desenvolvimento, conhecimento e aprendizagem da Arquitetura e da sua História, sublinhando o seu papel fundamental como testemunho e memória da Arquitetura. O desenho permite desvendar, desde logo, o percurso de uma obra de arquitetura, acompanhar o raciocínio do arquiteto e o longo caminho da ideia à obra, através do traço (a *lápiz* ou no ecrã do computador), documentar as diferentes fases da concepção, expressar a ideia em sucessivos croquis que vão ganhando forma, objetividade e sentido. O desenho, como excelência na arte da representação, revela-se um instrumento universal poderoso, capaz de preservar o património da arquitetura do passado, e a sua memória, quer de arquiteturas existentes ou já desaparecidas. Num mundo privado da fotografia, o desenho desempenhou um papel determinante no levantamento, na preservação e divulgação de obras de arquitetura que se descobriram, por muitos dos talentos que se entregaram ao estudo da Antiguidade, da arquitetura, como Giovanni Battista Piranesi, Jean-Nicolas Huyot, Louis-Hippolyte Lebas, Charles-Robert Cockerell, Michael Gandy, que deixaram no mundo da Arquitetura e do Desenho uma importante obra gráfica. De salientar ainda a relevância do desenho para a História da arquitetura, como testemunho de arquiteturas desenhadas imaginadas não construídas, e imortalizadas em desenhos de mundos fantásticos enigmáticos em Piranesi, ou cidades futuristas muito à frente no seu tempo, como em Antonio Sant' Elia.

PALAVRAS-CHAVE: desenho; arquitetura; concepção; história da arquitetura; arqueologia.

### RESUMEN

Este artículo aborda la relación intrínseca y perenne entre Diseño y Arquitectura, y las múltiples formas de expresarse a lo largo del tiempo. El ensayo pretende reafirmar el dibujo como forma de desarrollo, conocimiento y aprendizaje de la Arquitectura y su Historia, subrayando su papel fundamental como testigo y memoria de la Arquitectura. El dibujo permite desentrañar, desde el principio, el curso de una obra arquitectónica, seguir el razonamiento del arquitecto y el largo camino desde la idea hasta la obra, a través del trazo (a *lápiz* o en la pantalla del ordenador), documentar las diferentes etapas de concepción, expresan la idea en sucesivos bocetos que van ganando forma, objetividad y sentido. El dibujo, como excelencia en el arte de la representación, se muestra como un poderoso instrumento universal, capaz de preservar el patrimonio arquitectónico del pasado, y su memoria, ya sea de arquitecturas existentes o ya desaparecidas. En un mundo privado de la fotografía, el dibujo jugó un papel decisivo en la recopilación, conservación y difusión de obras de arquitectura que fueron descubiertas por muchos de los talentos que se dedicaron al estudio de la Antigüedad, de la arquitectura, como Giovanni Battista Piranesi, Jean-Nicolas Huyot, Louis-Hippolyte Lebas, Charles-Robert Cockerell, Michael Gandy, quienes dejaron una importante obra gráfica en el mundo de la Arquitectura y el Diseño. También cabe destacar la relevancia del dibujo para la Historia de la arquitectura, como testimonio de arquitecturas diseñadas imaginadas no construidas, e inmortalizadas en dibujos de enigmáticos mundos fantásticos en Piranesi, o ciudades futuristas muy adelantadas a su tiempo, como en Antonio Sant' Elia.

PALABRAS-CLAVE: diseño; arquitectura; concepción; historia de la arquitectura; arqueología.

### ABSTRACT

This article approaches the intrinsic and perennial relationship between Drawing and Architecture, and the multiple ways of expressing itself over time. The essay aims to reaffirm drawing as a form of development, knowledge and learning of Architecture and its History, underlining its fundamental role as a witness and memory of Architecture. Drawing makes it possible to unravel, from the outset, the course of an architectural work, to follow the architect's reasoning and the long path from idea to work, through the trace (in pencil or on the computer screen), to document the different stages of conception, express the idea in successive sketches that gain shape, objectivity and meaning. Drawing, as an excellence in the art of representation, proves to be a powerful universal instrument, capable of preserving the architectural heritage of the past, and its memory, whether of existing or already disappeared architectures. In a world without photography, drawing played a decisive role in the collection, preservation and dissemination of works of architecture that were discovered by many of the talents who dedicated themselves to the study of Antiquity, of architecture, such as Giovanni Battista Piranesi, Jean-Nicolas Huyot, Louis-Hippolyte Lebas, Charles-Robert Cockerell, Michael Gandy, who left an important graphic work in the world of Architecture and Drawing. It is also worth noting the relevance of drawing for the History of architecture, as a testimony of designed architectures imagined not built, and immortalized in drawings of enigmatic fantastic worlds in Piranesi, or futuristic cities far ahead in their time, as in Antonio Sant' Elia.

KEYWORDS: drawing; architecture; conception; architectural history; archeology.

Recebido em: 24/06/2022

Aceito em: 01/09/2022

## 1. INTRODUÇÃO

O desenho e a Obra de arquitetura caminham juntos na História da arquitetura e na História da arte. Desde logo, as obras de arquitetura encontram-se desenvolvidas em desenhos, múltiplos desenhos que documentam as várias fases da sua concepção (LOBATO DE FARIA, 2018): desenhos de todas as escalas, com diferentes materiais e abordagens gráficas, desenhos mais ou menos descritivos, ou desenhos rigorosos, como o croquis, as perspectivas, as plantas, alçados e cortes cotados, e as imagens animadas virtualmente (LOBATO DE FARIA, 2014).

As descobertas e as invenções dos últimos séculos, ultrapassam em número todas as que se verificaram no resto da História da humanidade (KUBLER, 1998, p.95) e nessa longa viagem criativa do ser humano, a arquitetura não constitui uma exceção, dada a sua multidisciplinaridade, será ela uma das áreas de maior sensibilidade, onde primeiro se manifestam as alterações que delas advêm. No tempo atual, de um novo século e de um novo milénio, a arquitetura atravessa um momento único de particular riqueza e diversificação de meios gráficos de representação à disposição do arquiteto. Este dispõe hoje, para a concepção da sua arquitetura, assente na imaginação criativa, de um leque de opções que pode ir desde o simples e rápido apontamento de uma ideia feito com o *lápiz* em cima do joelho, até ao outro caso extremo, de uma maquete virtual que simula em 3D a arquitetura imaginada. Através da diversidade de técnicas propostas pelo desenho, o arquiteto encontra diferentes formas, com características muito específicas e complementares entre si, para expressar e desenvolver o seu pensamento. Todas elas serão de tal modo competentes que, talvez hoje mais do que em nenhum outro momento da história, possamos afirmar, que o desenho potencia a concepção da arquitetura e surge mesmo a tentação, de colocar a seguinte questão: verdadeiramente, será o raciocínio que desenha ou o desenho que raciocina?

FIGURA 1 - Desenho do interior de São Marcos. Antonio Canaletto, 1766.



Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

As obras de arquitetura, fazem parte integrante do cenário permanente que se ergue para apoiar a vivência e as atividades dos seres humanos, constituindo parte da sua vida e da sua intimidade. Enquanto objetos de uso e deleite, cumprindo na vida dos seres humanos a sua difícil e multifacetada tarefa que lhe é característica, estética e funcional, as obras de arquitetura suscitam o interesse não só por parte dos arquitetos, mas ainda ao longo de toda a História da arte têm sido um motivo constante de observação e reflexão, cuja prova se encontra na coleção de Desenhos e Pinturas, onde a Arquitetura se encontra figurada. Muitos destes desenhos, constituem estudos para pinturas, onde a arquitetura parece ser, juntamente com a natureza e o ser humano, em todos os tempos, um dos alvos preferidos dos olhos e da atenção dos pintores. Antonio Canaletto, no minucioso desenho de estudo que representa o interior de São Marcos (Fig.1), anotou a data de 1766 e acrescentou estas palavras cheias de orgulho: “Executado sem óculos.” (LEVEY, 1964, p.105). Como elemento central ou como painel de fundo ao objeto alvejado para um

desenho, as obras de arquitetura encontram-se retratadas no desenho em todos os períodos da História da humanidade, em todas as épocas da História da arte e da arquitetura.

## 2. O DESENHO COMO TESTEMUNHO E MEMÓRIA DA ARQUITETURA

Os desenhos de concepção em que o traço flui e acompanha o pensamento, o esquisso, o esboço, o croquis, onde se exprime a ideia (Fig.2), testemunham o diálogo silencioso que mantiveram com o seu autor, permitindo muitas vezes desvendar e seguir os caminhos traçados nesse processo de procura e descoberta. Observando estes desenhos, quase podemos seguir a mão do arquiteto em plena evolução, as suas hesitações, as suas correções e as suas afirmações, na procura para concretizar a representação de uma ideia, em pleno desenvolvimento. Nestes desenhos, adivinha-se ainda o pensamento e a sua atividade, de que eles próprios são manifesto, e através das suas linhas, as mais decididas, as mais ténues ou mesmo aquelas abandonadas, conhecemos os trajetos tortuosos e tantas vezes repetidos que, por vezes, percorre uma ideia, até finalmente se fixar naquela que será a sua forma (LOBATO DE FARIA, 2014). A missão de um croquis na concepção em arquitetura, será a de ajudar o arquiteto a rentabilizar o seu raciocínio, a partir de uma ação semelhante àquela descrita por Gilles Deleuze, quando sobre o raciocínio afirma que, “[...]avança como uma cascata, hesita e bifurca-se a cada nível” (DELEUZE, 1996, p.9).

FIGURA 2 - Desenho de síntese da Catedral de Brasília. Oscar Niemeyer.

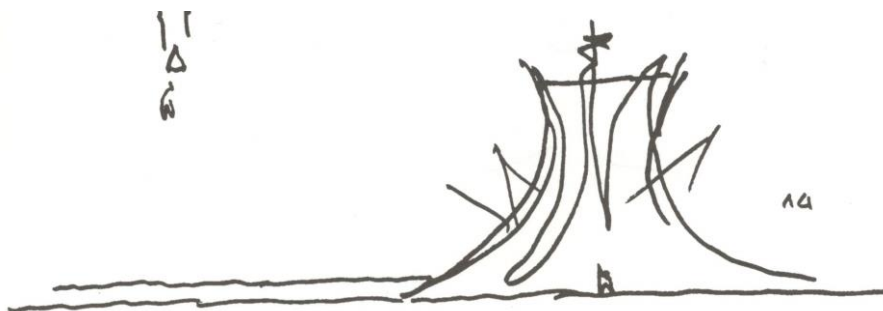


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

Para os pioneiros da arqueologia romana, num mundo privado da fotografia, o desenho desempenharia um papel precioso e determinante no levantamento e preservação das Obras que se descobriram, muitas delas em ruínas. É o caso de Ciríaco de Ancona (1391-1452), um dos primeiros a sentir-se fascinado pela “magia da arqueologia” e a servir-se do desenho como forma de preservar o património da arquitetura do passado (BOORSTIN, 1994, p.524). Ciríaco de Ancona, desenhou monumentos e copiou centenas de inscrições do Sul de Itália, da Grécia e do Mediterrâneo oriental. Muitos dos talentos do Renascimento se entregaram ao estudo da Antiguidade. Leon Battista Alberti, aplicou a nova ciência da perspectiva ao levantamento e à cartografia de cidades, e, com base nos princípios geométricos da perspectiva, em colaboração com outro florentino, Toscanelli, o autor do mapa-múndi que inspirou Colombo na sua primeira viagem, empenhou-se na elaboração da primeira planta moderna de Roma.

Durante pelo menos dez séculos, os cortadores de mármore romanos transformaram em negócio as escavações de ruínas, o desmantelamento de edifícios antigos e o desenterramento de velhos pavimentos, com o objetivo de encontrarem modelos para o seu próprio trabalho e materiais para novas construções. Como afirma Boorstin, à sua maneira, os cortadores de mármore, “Continuaram o mais violento e escandaloso saque de Roma perpetrado pelos Godos em 410, pelos Vândalos em 455, pelos Sarracenos em 846 e pelos Normandos em 1084. No séc. XIV, Petrarca declarou como sendo herdeiros dos Godos e dos Vândalos, todos aqueles que desmantelavam a *antiga grandeza*” (BOORSTIN, 1994, p.524).

O grande fundador da arqueologia moderna foi, no séc. XVIII, Joachim Winckelmann, um amante fervoroso da arte grega. Como superintendente das antiguidades romanas, Winckelmann, teve o privilégio de ter acesso às novas descobertas resultantes das escavações à saída de Nápoles, das ruínas impressionantes de Pompeia e Herculano, cuja possibilidade de sobre elas fazer esboços estava interdita. Escreveu depois a



sua “Carta sobre as Antiguidades de Herculano”, onde descrevia os objetos desenterrados, e afirmava o direito de todo o mundo culto receber todas as mensagens trazidas por objetos do passado (BOORSTIN, 1994, p.524).

Giovanni Battista Piranesi foi seguramente um dos arquitetos do séc. XVIII, ou mesmo um dos seres humanos, que mais tempo dedicou a “preservar a memória” da arquitetura, imortalizando-a até hoje, através do desenho. Tal como ele mesmo afirmou, quando se deu conta de que em Roma a maior parte dos antigos monumentos “jaziam abandonados nos campos ou nos jardins”, ou então “serviam de pedra para novas construções” (YOURCENAR, 1988, p.85), decidiu preservar a sua memória através das suas gravuras.

Ninguém melhor do que este arquiteto, que dedicou uma vida inteira a desenhar a Arquitetura, poderá testemunhar com o seu trabalho, até que ponto o desenho é uma das formas mais autênticas e vivas de preservação da memória da obra de arquitetura. Ideia bem expressa nas palavras de Piranesi:

Quando me dei conta de que em Roma a maior parte dos antigos monumentos jaziam abandonados nos campos ou nos jardins, ou então serviam de pedra para novas construções, resolvi preservar a sua memória através das minhas gravuras, tentei, por conseguinte, conferir-lhes a maior exatidão possível (YOURCENAR, 1988, p.85).

As Vistas de Roma, apenas uma parcela do seu mundo pessoal descrito e construído em desenhos e gravuras a claro-escuro, são uma prova sobejamente evidente desta verdade, dispensando as imagens que se apresentam (Figs.3 a 5), qualquer comentário que melhor possa expressar a ideia do desenho como testemunho e memória da obra de arquitetura.

FIGURA 3 - Vistas de Roma. Vista do Campo Vaccino. Piranesi, 1740-1751.



FONTE: The Creative Commons copyright.

Os desenhos de Piranesi encerram uma obra vasta e profunda dedicada à arquitetura, mas este fervoroso amante da arquitetura, apenas teve oportunidade de ver uma só obra sua construída. Depois de lhe serem



confiados pelo papa Clemente XIII, pequenos trabalhos de decoração, e de ter sido por ele sondado, na qualidade de arquiteto, com vista a obras em S. João de Latrão, que nunca se concretizaram, nem sequer se iniciaram, Piranesi realiza em 1764, uma obra a pedido de um sobrinho do papa. Este encarregou-o de reconstruir parcialmente e decorar de novo a igreja de Santa Maria Aventina, propriedade da Ordem de Malta de que ele era Grão-Prior (YOURCENAR, 1988, p. 80). Piranesi transformou a pequena fachada da igreja e os grandes muros da Praça dos Cavaleiros de Malta e, como afirma Marguerite Yourcenar, “Foi a única ocasião que este homem louco por arquitetura teve para se exprimir através de mármore verdadeiro e de verdadeiras pedras” (YOURCENAR, 1988, p.80).

FIGURA 4 - Vistas de Roma. Vista dos vestígios das Termas de Diocleciano. Piranesi, 1740-1751.



FONTE: The Creative Commons copyright.

FIGURA 5 - Vistas de Roma. Vista do Templo de Baco, hoje S. Urbano. Piranesi, 1740-1751



FONTE: The Creative Commons copyright.

No entanto, esse facto não impediu Piranesi de continuar a sonhar com as imagens das Prisões Imaginárias (*Invenzioni Capric di Carceri*) e de desenhar, quando acordado, as formas e os espaços das obras de arquitetura que inventava através de linhas imaginárias, com que em 1747-1750, com pena, tinta e grafite

sobre papel, construía os seus monumentos fantásticos (Fig. 6). Estes monumentos, embora imaginados, não menos testemunham a arquitetura construída, uma vez que se vislumbra e adivinha em cada um destes desenhos, os elementos olhados e guardados na memória por Piranesi. Ainda, as horas de observação rigorosa, ávida, com a atenção única de quem pretende representar e imortalizar as formas e os espaços singulares da arquitetura, através do desenho eloquente que no seu traço, procura reproduzir a realidade inatingível da experiência única da arquitetura construída.

FIGURA 6 - Desenho de arquitetura imaginada. Pena, tinta e aguada. Piranesi, 1741-1744.



FONTE: The Creative Commons copyright.

Em 1818, para preservar a memória da arquitetura egípcia, Jean-Nicolas Huyot e Louis-Hippolyte Lebas, realizaram um minucioso desenho de estudo, muito provavelmente da mão de Huyot, que consagrou parte da sua vida à arqueologia e à História da arquitetura (Fig.7). O desenho representa um alçado do monumento isolado em Kalabcheh na Núbia, e data da viagem realizada pelos seus autores ao Egito entre 1817 e 1818, acompanhados do Conde de Forbin, director dos Museus reais (Jacques, 1995, p.20). O templo data da XVIII dinastia egípcia, mas as ruínas que se vislumbravam na época em que os autores o visitaram, datam do reinado de Augusto. Michael Gandy, como Piranesi, poucas obras de arquitetura realizou, mas, tal como ele, deixou no mundo da arquitetura e do desenho uma importante obra gráfica. Gandy foi um dos principais colaboradores de John Soane, para quem desenhou durante uma grande parte da sua vida.

FIGURA 7 - Arquitetura egípcia, estudos. Monumento isolado em Kalabcheh. Pena e aguarelas.

Jean-Nicolas Huyot e Louis-Hippolyte Lebas, 1818.

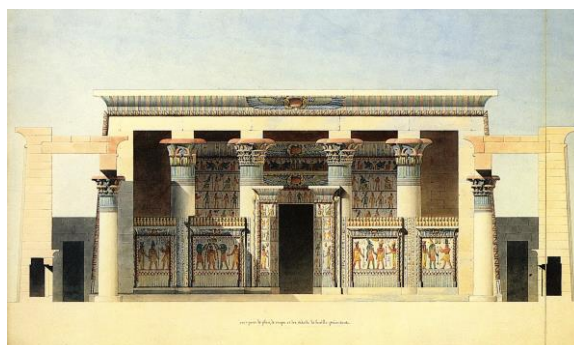


Imagem reproduzida ao abrigo de Fair Use.

De entre alguns dos seus sumptuosos desenhos, destacamos a impressionante perspectiva exposta na Academia Real em 1818 (Fig.8), representando os edifícios construídos por John Soane entre 1780 e 1815. Nesta colossal composição imaginária, a existência de uma pequena figura, quase impercetível, sentada a uma secretária, representando o seu autor ou mesmo John Soane, remete a consciência do observador para a gigantesca escala do cenário e das sucessivas maquetas que envolvem, de forma impactante, o arquiteto nele representado. Michael Gandy, através deste desenho, tal como Piranesi o fez com Roma, imortaliza as obras de arquitetura de John Soane. No seu conjunto, a perspectiva integra os edifícios



públicos e privados de John Soane, podendo identificar-se ao centro, o Banco de Inglaterra, e, lateralmente, a fachada da casa de Soane em Lincoln's Inn Field, em Londres (Jacques, 1995, p.17).

FIGURA 8 - Vista imaginária, maquetas de edifícios públicos e privados de John Soane. Pena e aguarelas. Michael Gandy, 1818.



Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

FIGURA 9 - O sonho do professor. Pena e aguarelas. Charles-Robert Cockerell, 1849.

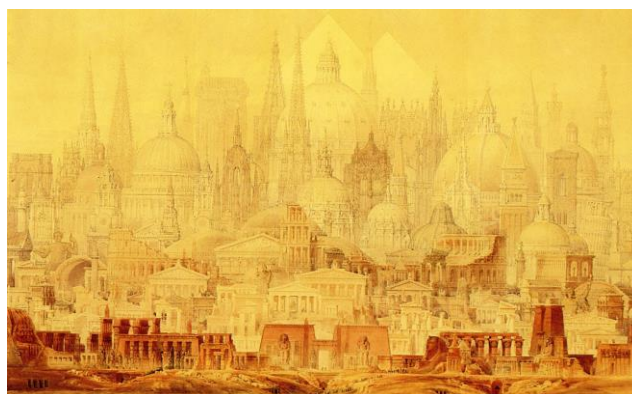


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

A iluminação condiciona todo o ambiente deste desenho: a luz é difundida intensamente a partir de um foco, que se distingue lateralmente no desenho, produzindo um efeito muito peculiar, semelhante ao da luz elétrica. A antecipação de Michael Gandy no tempo é notória, já que o autor representa no seu desenho uma nova forma de iluminação, que se diria artificial, elétrica, quando na altura da sua realização, esta ainda não tinha sido inventada (JACQUES, 1995, p.17). A mesma paixão de Michael Gandy pela arquitetura, a fantasia e rigor colocados num desenho imponente, são também visíveis num desenho realizado em 1849, por Charles-Robert Cockerell, intitulado *O sonho do professor* (Fig.9). Nomeado em 1839, membro Real da Academia e tornando-se professor em 1840, Cockerell elabora neste desenho um resumo da História da Arquitetura, onde associa todos os monumentos importantes desde o antigo Egipto até à época moderna. Muitas obras de arquitetura visíveis neste desenho, terão sido levantadas e desenhadas previamente por Cockerell, durante a viagem que realizou em 1810, com o objetivo de poder conhecer e descobrir a arquitetura do passado. Esta viagem durou 7 anos, período em que Cockerell multiplica os trabalhos arqueológicos em lugares tão sagrados como o Parténon ou Égine (JACQUES, 1995, p.42). Esta monumental composição de Charles-Robert Cockerell, é seguramente uma homenagem prestada por este autor à arquitetura, dando prova de conhecimento e profunda admiração pela arquitetura representada no desenho. Por essa razão este desenho imaginado, evoca de uma forma tão intensa e poética, a presença e a memória e beleza das múltiplas arquiteturas, olhadas, vividas e representadas pelo autor, que nele figuram.

O desenho da escadaria do Palácio das Tulherias, realizado por Eugène Viollet-Le-Duc, quando ainda não tinha vinte anos, testemunha a determinação do seu gosto pelo desenho e o seu precoce domínio das técnicas da perspectiva e da aguarela. A perspectiva da escada do Palácio, realizada entre 1834 e 1835, perpetua através de uma representação rigorosa, o interior deste imponente espaço de arquitetura. Com este desenho (Fig.10), o jovem autor permite ainda fixar o ambiente e vida que se vivia no Palácio, numa

determinada época, precisamente nos anos que se seguiram ao ano de 1830, ano em que o pai de Viollet-Le-Duc, que exercia funções oficiais no Palácio das Tulherias, é nomeado Conservador das residências reais, e em que a família Viollet-Le-Duc se instala no castelo (JACQUES, 1995, p.33).

FIGURA 10 - Palácio das Tulherias, escadaria nova vista do vestíbulo. Viollet-Le-Duc. Mina de chumbo, pena e tinta castanha, aguada de tinta castanha e aguarela, 1834-1835.

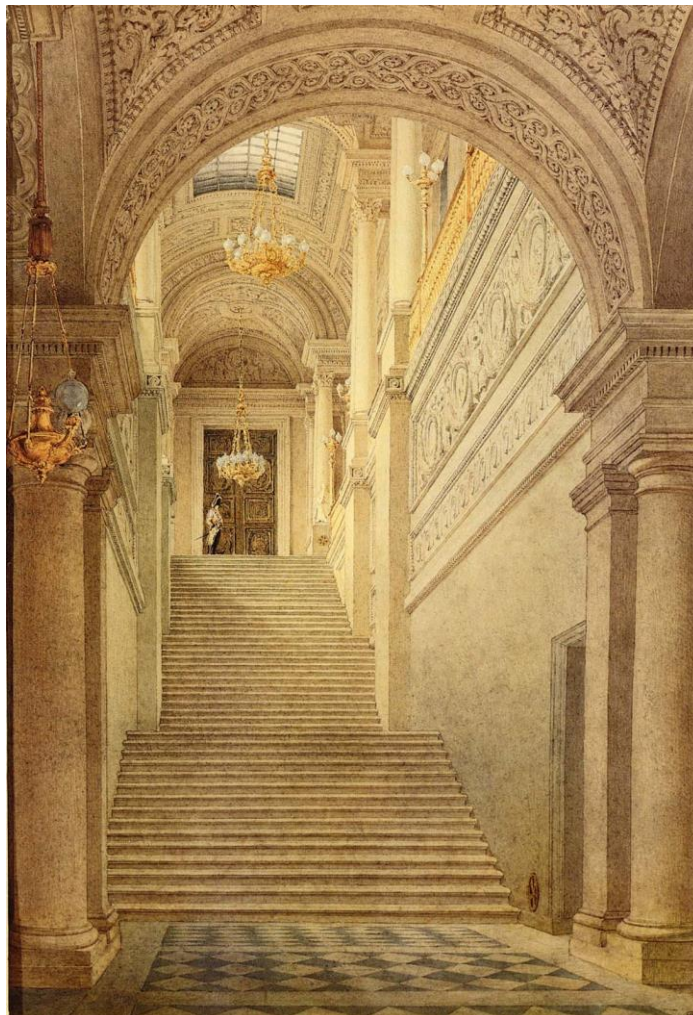


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

Através do desenho, descobre-se e desenha-se a História da arquitetura e a vida dos seres humanos, que se apresenta em múltiplas e admiráveis imagens, perante os olhos extasiados de quem os quer observar.

A gratidão é eterna, para quem observa esses desenhos que permitem viajar no tempo, por vezes até ao passado, outras vezes ao futuro, e penetrar no mundo secreto da arquitetura, através da visão pessoal e crítica dos seus autores. Isto acontece sempre que os autores colocam nos desenhos que executam de obras de arquitetura, o rigor e a graça únicos daqueles que as procuram, descobrem e estimam, e, por essa mesma razão, se propõem memorizá-las e eternizá-las através do desenho.

Olhar a Arquitetura, ou melhor, a sua História, através de olhos amantes da arquitetura, que a desenharam porque a conceberam ou porque a admiraram, é um privilégio único e precioso (Figs.3 a10);

Poder rever as ruínas de Roma, uma a uma, guiados pelos olhos e mãos de Piranesi; Sentirmo-nos perante um monumento egípcio isolado em Kalabcheh, minuciosamente descrito pela visão exploradora de Jean-Nicolas Huyot e Louis-Hippolyte Lebas, apresentado sob um filtro mágico próprio do desenho, que permite ver as coisas através de um prisma revelador, sem o qual, nunca poderíamos estar aptos para vislumbrar; A partir de uma só imagem, reunir e apreciar a Obra de arquitetura completa de John Soane, meticulosamente agrupada por Michael Gandy, um seu fervoroso colaborador e admirador;



Poder admirar o resumo da História da arquitetura elaborado por Charles-Robert Cockerell, e dirigir a atenção a nosso bel-prazer, para todos ou um só monumento, desde o antigo Egito até à época moderna, partilhando também *O sonho do professor*, Cometer a proeza de espreitar sem ser visto, para a imponente escadaria do Palácio das Tulherias, sob o ponto de vista mais favorável, escolhido pelo ainda jovem talentoso Viollet-Le-Duc, sem ter de subi-las senão na nossa imaginação.

Quando pensamos em todos os desenhos que acabaram de ser descritos, e em todos os outros que ficaram por descrever, detemo-nos perante a evidência de que grande parte da arquitetura é desenho e parte do desenho, é arquitetura. Ver através dos olhos de quem soube estimar, representar e immortalizar a arquitetura através do desenho, sensibiliza o mais incrédulo dos humanos, para se deixar guiar e apreciar os desenhos com o reconhecimento que merecem. O que acontece sempre que se observa um desenho, que mais do que falar sobre a Arquitetura, nos ensina que apenas o Desenho, aquele que um dia deu a vida à arquitetura, saberá, na justa proporção, preservar na privacidade dos seus materiais, a memória de uma obra de arquitetura.

### 3. A OBRA DE ARQUITETURA QUE VIVE PARA SEMPRE NO DESENHO

A ideia em arquitetura e o seu desenvolvimento *in mente*, nos desenhos, nas maquetas, visa alcançar o real, a materialização da ideia, a Obra construída. O processo criativo do arquiteto, desde o seu início, parte invariavelmente desse pressuposto e a arquitetura é concebida segundo formas, volumes, materiais, e processos construtivos possíveis de se realizarem, de serem construídos (LOBATO DE FARIA, 2014). Muito embora a ordem natural do ciclo criativo em arquitetura, respeitando a natureza desta arte e cumprindo o seu objetivo fulcral, conduza à construção da ideia e à sua habitabilidade, nem todas as ideias de arquitetura concebidas pelos arquitetos são construídas e conhecem o seu destino final, aquele a que se propõem inicialmente.

Em todos os tempos, a profissão de arquiteto corresponde à experiência de imaginar e desenhar a arquitetura, que, se umas vezes é construída, outras vezes permanece no papel. As obras construídas de um arquiteto, serão sempre em número inferiores ao trabalho de elaboração e desenvolvimento de ideias desenhadas, as arquiteturas que permanecem riscadas no papel, e por realizar. Estes desenhos integram o processo de concepção e representam uma parte significativa e relevante do trabalho preparatório no desafio da criatividade. Não devemos esquecer que as ideias não construídas, aparentemente desprezadas ou esquecidas, são determinantes para a evolução do trabalho do arquiteto e tão importantes como a experiência da construção da ideia, da Obra de arquitetura.

Por essa razão, a História da arquitetura é composta não apenas por obras de arquitetura construídas, mas também por ideias de arquitetura por construir, arquiteturas que nasceram no papel e para sempre nele permaneceram. As ideias “aprimoradas” no papel, podem ser tão ou mais relevantes para a Arquitetura e a sua História, do que determinadas obras de arquitetura construídas. Em todos os momentos da História, os desenhos de arquiteturas não realizadas, contribuíram para o enriquecimento do percurso dos seus autores, sublinhando e estimulando a sua capacidade inventiva. Estas obras, imaginadas e “construídas” apenas no papel, são, não só de uma grande importância para o processo criativo em arquitetura, como foi referido, mas também de um valor inestimável para a evolução da História da arquitetura e do desenho (LOBATO DE FARIA, 2014).

Frank Lloyd Wright e Sant’Elia, ambos nascidos na segunda metade do séc. XIX, têm no seu trajeto profissional, como arquitetos, um percurso muito diferente. Frank Lloyd Wright viveu uma vida longa, até aos noventa e dois anos, deixando uma considerável obra construída, um pouco espalhada pelo mundo, e Sant’Elia teve uma vida curta, morto na Primeira Guerra Mundial, viveu somente vinte e oito anos, onde apenas viu construída uma das suas obras. Na aparente distância que separa os seus trajetos, os dois autores encontram-se na História pela relação apaixonada que mantiveram com a arquitetura e o desenho ao longo da sua vida, e pela produtividade que resultou dessa relação, visível nas ideias expressas e vinculadas nos seus desenhos.

A importância dos trabalhos por realizar de Frank Lloyd Wright e Sant’Elia fazem ressaltar o valor da arquitetura que reside no papel, já que as imagens deixadas por ambos ao mundo da arquitetura, também são Obra, de um manifesto aberto de si próprios, do seu pensamento e das suas ideias, do prenúncio de um tempo vindouro. A capacidade destes dois arquitetos fica para os olhos do mundo expressa nas obras que deixaram construídas em pedra e cal, mas também no papel, através de desenhos traçados com linhas cheias de convicção e talento, a partir das quais imaginaram novas arquiteturas fantásticas e inovadoras para construir o futuro.

FIGURA 11 - Uma ideia futurista da cidade moderna. Projeto não realizado. Sant'Elia, 1913-1914.

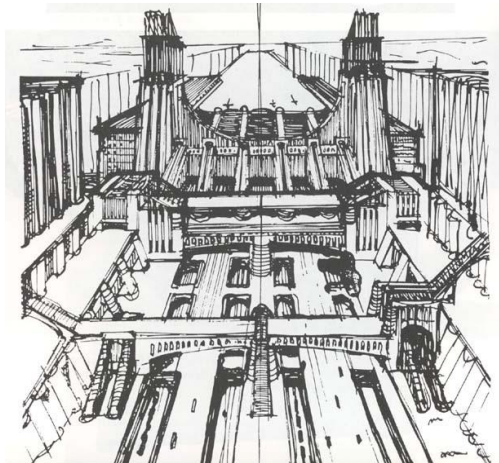


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

FIGURA 12 - Edifício arranha-céus. Projeto não realizado. Sant'Elia, 1913.



Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

A experiência de Antonio Sant'Elia, como arquiteto, conheceu um desenvolvimento limitado: construiu, em 1911, numa região próxima de Como, a Villa Elisi, uma construção pouco significativa (Michael, 1999). Mas já em 1914, fascinado pela cidade, Sant'Elia expõe a sua visão do futuro, a *Cittá Nuova*, em Milão (PEVSNER, 1954, p.216). A obra de arquitetura mais relevante deixada por este jovem arquiteto, encontra-se impressa nos seus desenhos (Figs.11 e 12), onde o dinamismo muito particular das formas traçadas, fala antecipadamente de um tempo futuro, revelando a visão futurista da cidade do autor. Os desenhos apresentam ideias visionárias muito arrojadas para a época: o tráfego distribuído em diversos níveis, os automóveis em baixo, ruas pedonais ligando edifícios, e grandes edifícios com andares recuados, arranha-céus que se faziam anunciar já, pela mão e talento inovadores de Sant'Elia.

Frank Lloyd Wright, tendo passado na sua vida por períodos muito conturbados e por desgostos profundos, descritos em auto-biografia, biografias e documentários acerca da sua vida, realizou ao longo da sua atividade como arquiteto, inúmeras obras de arquitetura que viu construídas, tendo a sua vida e atividade profissional, conhecido uma sorte bem diferente da de Antonio Sant'Elia.

FIGURA 13 - Residência de Sherman Booth, Glencoe, Illinois. Projeto não realizado.  
Frank Lloyd Wright, 1911.

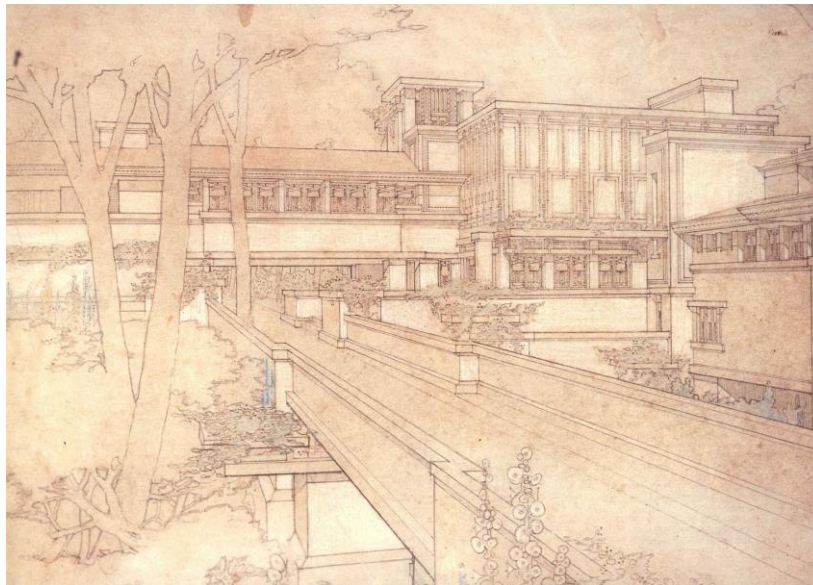


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

FIGURA 14 - Teatro para Aline Barnsdall, Los Angeles, Califórnia. Projeto não realizado.  
Frank Lloyd Wright, 1915-1920.

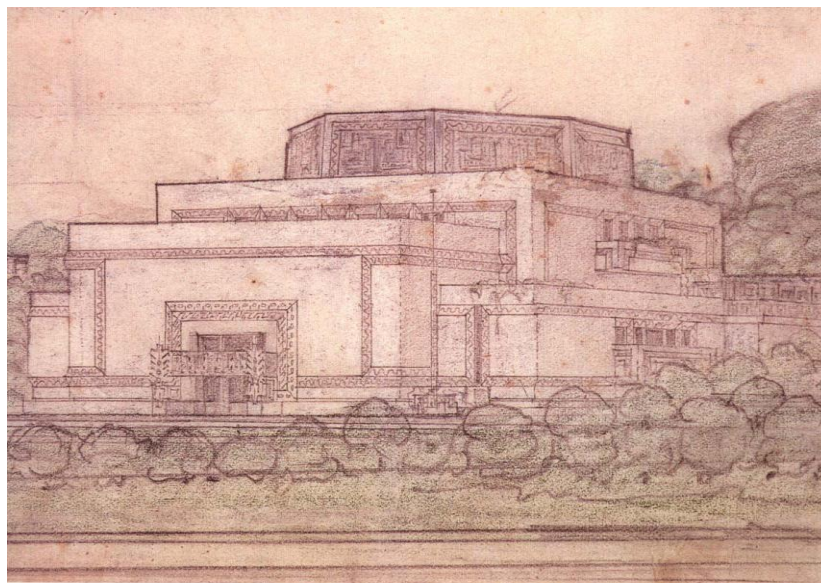


Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

A *sorte* de Frank Lloyd Wright, contou com uma grande energia e saúde, que lhe permitiram trabalhar dia e noite para alcançar o seu objetivo. Só esta razão pode justificar a produtividade frenética deste arquiteto, que fica sobejamente demonstrada não só através da sua vasta, diversificada e completíssima obra construída, mas ainda pela numerosa e impressionante obra deixada no papel: conhecem-se 76 projetos não realizados de Frank Lloyd Wright. Sabe-se ainda da existência de mais 29 projetos não realizados e nunca publicados (WRIGHT, 1985, p.170). Com este elevado número de desenhos de projetos por realizar, Frank Lloyd Wright será seguramente um dos arquitetos com mais obra escondida no papel (Figs.13 a 15), onde os desenhos, todos eles acabados e prontos a construir, expressam geometricamente, com o rigor que lhe é próprio, a intenção precisa para cada uma das arquiteturas singulares, imaginadas por este arquiteto.



Frank Lloyd Wright considerava que os seus projetos não realizados, por construir, figuravam entre os seus trabalhos mais interessantes. Uma grande parte destes projetos, não foram realizados por o seu autor se recusar categoricamente a fazer concessões ao seu projeto e aos seus princípios (WRIGTH, 1985, p.170). Este arquiteto preferia abandonar um dos seus projetos e ver os seus desenhos voltarem a ser arrumados nos arquivos de Taliesin, a ter que sacrificar e pôr em causa as suas qualidades e a sua beleza, para agradar a um cliente. Reforçando a fidelidade revelada aos seus princípios do que deve ser a Arquitetura, Frank Lloyd Wright afirmava aos arquitetos:

Vocês deviam apaixonar-se pela arquitetura. Esqueçam que é uma profissão. Compreenderão isso rapidamente. Mas mantenham-se apaixonados. A Arquitetura, é consagramo-nos a qualquer coisa de sagrado, e eu presto-lhe os meus serviços (WRIGTH, 1985, pp.8-9).

FIGURA 15 - Casa de Frank Lloyd Wright, Goethe Street, Chicago, Illinois. Projeto não realizado.

Frank Lloyd Wright, 1911.



Imagem reproduzida ao abrigo de *Fair Use*.

Os desenhos deixados no papel por Frank Lloyd Wright, Antonio Sant'Elia e muitos outros arquitetos, no passado, no presente, são a prova histórica da importância do desenho para expressar ideias e dar largas à imaginação em arquitetura, e a prova ainda de que as ideias não construídas, aparentemente desperdiçadas e abandonadas, têm valor e são relevantes para o percurso dos arquitetos, o processo de concepção, e a História da arquitetura, tal como a experiência insubstituível da obra de arquitetura construída.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As possibilidades do binómio Desenho/Arquitetura são múltiplas, universais, evolutivas e perduram no tempo, reafirmando a importância do Desenho para a Arquitetura, a sua concepção, a sua evolução, e a sua História. As obras de arquitetura suscitam interesse não só por parte dos arquitetos, mas ainda ao longo de toda a História da arte, têm sido um motivo constante de observação e reflexão, cuja prova se encontra na coleção de desenhos e pinturas, onde a arquitetura se encontra figurada.

O protagonismo da Arquitetura na História da Arte, permite que esta se encontre representada em sucessivas narrativas gráficas que, ao longo da história da humanidade, ajudaram em muito a esclarecer os historiadores acerca dos povos e das suas formas de viver, em todas as épocas. Para os pioneiros da arqueologia, num mundo privado da fotografia e de mobilidade, o desenho desempenhou um papel singular e poderoso, determinante no levantamento, preservação e divulgação das obras que se descobriram ao longo da história, algumas delas em processo de destruição, saque ou em ruínas.

As arquiteturas imaginadas desenhadas não construídas, não menos testemunham a imaginação criativa dos seus autores, e tantas vezes se revelam produtivas para fertilizar o imaginário dos arquitetos e alimentar o processo criativo em arquitetura, tal como a experiência insubstituível das obras construídas.

#### 5. REFERÊNCIAS

- LOBATO DE FARIA, Eduarda - *Imaginar o Real, O Enigma da Concepção em Arquitetura*. Caleidoscópio: Casal de Cambra, 2014. ISBN 978-989-658-252-4.
- . *Inside a Creative Mind, Arquitetura Portuguesa/Portuguese Architecture*. Coleção de 8 livros editada pela Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, 2018.
- BOORSTIN, Daniel J - *Os Criadores, Uma História dos Heróis da Imaginação*. Gradiva Publicações, Lisboa, 1993.
- . *Os Descobridores*. Gradiva-Publicações, Lisboa. pp. 524- 528, 1994.
- DELEUZE, Gilles - *O mistério de Ariana*, p. 9, 1996.
- FICACCI, Luigi, *Giovanni Battista Piranesi - The Complete Etchings*. Istituto Nazionale per la Grafica, Roma, Benedikt Tachen. pp. 696-748, 2000.
- JACQUES, Annie - *Les dessins d'Architecture du XIX<sup>e</sup> siècle*. Biblioteca de L'Image. pp.18-43, 1995.
- KUBLER, George - *A forma do Tempo*, Col. "Artes/Ensaio", Vega e Herdeiros do autor. p. 95,1998.
- LEVEY, Micheael - *La Peinture a Venise au XVIII<sup>e</sup> Siècle*. Col. «Histoire de l'Art», René Julliard. pp. 94-107, 1964.
- MICHEL, Albin (Ed.) - *Dictionnaire des Architectes*. Encyclopaedia Universalis, Paris. pp. 606-607, 1999.
- NIEMEYER, Oscar - *As Curvas do Tempo-Memórias*. Campo das Letras Editores, Porto, 2000.
- . *Conversa de Arquitecto*. Campo das Letras Editores, Porto, 1997.
- PEVSNER, Nikolaus - *Origens da Arquitectura Moderna e do Design*, Martins Fontes. pp. 190-191, 216, 1954.
- . *An Outline of European Architecture*. Penguin Books, 1954.
- ROBBINS, Edward - *Why Architect's Draw*. The Mit Press, Cambridge, Massachusetts, 1997.
- RODRIGUES, Ana L M - *O Desenho, Ordem do Pensamento Arquitectónico*. Editorial Estampa, pp.155-180, 2000.
- SCHALLER, T W - *The art of Architectural Drawing- Imagination & Technique*. International Thompson Publishing. pp.149, 1997.
- YOURCENAR, Marguerite - *A Benefício de Inventário*. Difel, Difusão Editorial, Lisboa. pp.80-85, 1988.
- WRIGHT, Frank L - *Treasures of Taliesin: seventy-six unbuilt Designs*. The Press at California State University. pp.19-24, 170, 1985.
- . *Autobiografia 1867-[1943]*. El Croquis Editorial, Madrid, 1998.

NOTA DO EDITOR (\*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade do(s) autor(es).